

O velho do Restelo e a Ilha dos amores

Utilizarei nesta análise um trecho de *Dialética da colonização* de Alfredo Bosi, outro de “Luís de Camões então e agora” de Helder Macedo (principalmente p.39-42) e a *Écloga IV* de Virgílio.

A Ilha dos Amores

1. Extensão: IX, 18 - X, 142

2. Partes:

Canto IX:

18-50: Preparação da Ilha por

Vênus 51-63: Descrição da Ilha

64-82: Os navegantes perseguem as ninfas

83-88: Os amores das ninfas com os navegantes 89-95: Significado alegórico da Ilha

Canto X:

1-74: Os futuros feitos dos portugueses profetizados por

Tétis 75-90: A máquina do mundo

91-142: Descrição da África e principalmente da Ásia (episódio de S. Tomé: 110-118)

Alguns aspectos da *Ilha dos amores*

IX, 88-95 [Ler]

- Os deuses antigos são humanos que se imortalizaram pela fama

- A Ilha dos Amores é o prêmio que receberão todos aqueles que por *obras valerosas* o merecerem. Não estamos mais no plano histórico, mas em uma alegoria que tenta mostrar por imagens os prêmios que recebem os que conseguem atingir a fama.

Existe aqui (92-94) uma crítica implícita aos portugueses de então, que faz eco com o canto VII, 95-99 (em que fala da oposição entre os que herdaram bens e os que os conquistam) e com o canto X, 145 (o gosto da cobiça)

X, 128: o trecho já referido do naufrágio de Camões

A máquina do mundo (a partir de X,80) Concepção de Ptolomeu: A Terra cercada por onze esferas, sendo a última o Empíreo, o paraíso, onde estão as almas puras.

Ler X, 82

O papel dos deuses é puramente literário, eles possuem, como a Ilha dos Amores, apenas um significado alegórico.

Relação entre a Ilha e a fala do velho do Restelo

Fala do velho do Restelo (IV, 94-104) [Ler]

Acusa a fama de:

- provocar mortes, tormentos, crueldades
- ser fonte de desamparos e adultérios
- consumir fazendas, reinos e impérios

Considera que o momento atual (Idade de Ferro) é fruto das culpas que fizeram perder o paraíso e a Idade de Ouro.(Idades de Ouro, Prata, Bronze, Ferro)

Considera que os portugueses deviam se satisfazer com a luta contra os mouros na África

Maldiz quem criou o primeiro navio

Bosi [Ler o trecho] mostra como, desde o sonho de D. Manuel (IV, 69-74), existe toda uma preparação para o momento máximo de *Os Lusíadas*, que seria o da partida da armada de Gama. Mas o tom neste momento não é aquele que o leitor epopeico poderia esperar: ele é todo composto por medo e pesar. O Velho do Restelo seria, assim, apenas a cristalização, *em discurso*, deste pesar que perpassa os que ficam, chegando a atingir mesmo os navegantes.

Bosi mostra como o velho indica a falsidade que existe nos conceitos de fama e honra, o destino cruel que a viagem pode trazer ao reino. Perpassa a análise deste crítico a ideia de que o Velho do Restelo transforma em discurso a voz dos vencidos, daqueles que são contrários e/ou estão fora do processo que a história segue, história neste momento centrada no destino marítimo do país. Através desta fala Camões colocaria, no interior da épica a própria condenação da épica, ao mostrar o quanto ela possui de falso conceito, de má consciência, ao encobrir com nomes grandiosos verdades que não são tão grandiosas assim.

Veremos que Helder Macedo analisa este episódio de forma bastante diversa. Antes, porém, devemos notar que em *Os Lusíadas* podemos encontrar várias respostas a esta fala:

Em VI, 95-9, quando é apresentada a forma correta de atingir a fama

Em VII, 1-14, onde considera a existência de uma guerra justa (contra os não-cristãos) e de uma guerra injusta (entre cristãos), mostrando também, implicitamente, a importância das naus.

14 Mas, entanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão Cristãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana:
De África tem marítimos assentos;
É na Ásia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

Assim a fala do velho é em parte desacreditada pois existe uma forma correta de atingir a fama (ela não é má em si) e uma guerra justa, que só pode ser travada de forma integral com o uso dos navios.

A Ilha dos Amores, porém, desestabiliza os próprios pressupostos desta fala ao mostrar que a sua perspectiva não é a mais adequada, como poderemos ver a partir da análise de Helder Macedo. [Ler o trecho indicado]

Na *Écloga IV* Virgílio projeta uma idade do ouro a ser recuperada no futuro, indicando que antes dela existirão outras viagens, outras guerras, outro Aquiles e termina esperando poder cantar este tempo futuro, se sua vida for suficientemente longa, canto que será de todos o maior.

Visão prospectiva da Idade do Ouro. Ela é algo que já ocorreu no passado e que voltará a ocorrer no futuro.

O velho considera que o homem decaiu da Idade de Ouro para a do Ferro, e que o máximo que ele pode fazer é negar o ferro (as armas, as naus) para tentar atingir um pouco da antiga plenitude em uma vida campesina, voltada para o interior da nação (desde Virgílio que a Idade do Ouro está associada a uma vida bucólica). É uma visão retrospectiva.

Se partirmos do trecho de Helder Macedo que indiquei, podemos concluir que Camões tem uma outra perspectiva. Ele adota uma visão prospectiva, na tradição da écloga IV de Virgílio, ao apontar que através do uso correto das armas, através da guerra santa e da conseqüente fama, pode-se atingir um outro *locus amoenus*, a Ilha dos Amores: o prêmio do instinto épico bem conduzido é uma nova Idade de Ouro.

E esta Idade de Ouro pode ser atingida não só por indivíduos isolados, mas por toda a nação. É o que podemos supor que ocorrerá se D. Sebastião der ouvidos à exortação final que lhe faz Camões. Ele instaurará uma nova idade do ouro graças à guerra justa.